

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : O Globo

CLASS. : Amaz./Tusis

DATA : 07 10 91

PG. : 02

60

## Amazônia: mitos e índios

OCTÁVIO MELLO ALVARENGA

Corre ainda nos grandes centros universitários e nos meios de comunicação menos informados a moeda falsa de que o Mundo necessitará manter a virgindade da selva amazônica, para garantir a sobrevivência do Planeta.

Trata-se de uma idéia difundida no início da década de 70 e algumas autoridades brasileiras, ao invés de contestá-la com seriedade, preferiram usar a perigosa arma da ironia. Assim ocorreu quando o então Ministro da Fazenda, Delfim Netto, tomou conhecimento da afirmativa de que a floresta amazônica era responsável pela maior parte da produção e emissão de oxigênio para a atmosfera terrestre. Em lugar de demonstrar o descabimento científico dessa idéia, fez uma declaração irônica: "Quem quiser o oxigênio que pague" (...) "o Brasil poderia cobrar royalties substanciais pela economia externa que vem proporcionando, de graça, ao resto do Mundo (...), pois até agora não recebeu nenhum centavo pelo oxigênio que entrega ao Mundo, nem recebeu qualquer tostão de

ajuda externa para manter a gigantesca usina de oxigênio em funcionamento."

A origem de tudo foi uma resposta do limnologista, Harold Sioli, do Instituto Max Planck, à United Press International, em novembro de 1971. Inquirido sobre a contribuição da floresta amazônica para o balanço oxigênio/gás carbônico, afirmou que cerca de 25% do carbono existente na atmosfera terrestre estavam armazenados na biomassa dessa floresta. Confundiu-se alho com bugalho: os 25% do teor de carbono foram interpretados como 25% e oxigênio.

Teve então início o clamor universal contra a devastação da floresta amazônica e seus catastróficos efeitos.

A primeira contestação, aos "catastrofistas", partiu de Paulo Tarso Alvim (em 1972), ao demonstrar que a floresta daquela região se encontra em estado de clímax, ou seja, a produtividade líquida pela fotossíntese tende a ser consumida pela respiração dos seres que integram a sua biota e pela decomposição de sua própria matéria orgânica.

\*\*\*

O reencontro da civilização com uma região imensa, parcialmente povoada, deve significar para os jus-agrарistas brasileiros a oportunidade de repensar os valores dos primeiros habitantes do continente. Isso significará ir além dos estudos das normas que regem os direitos de uma gen-

te espoliada durante séculos. Significará debruçar-se tão lucidamente quanto possível sobre seu cotidiano, sua maneira de viver e conviver com a natureza; sua organização social e conhecimentos científicos.

Uma das alegações contrárias aos índios é que eles praticam uma agricultura predatória, cunhando-se o designativo de "agricultura de bugre", para qualificá-la.

Gilberto Freyre, admirável sob tantos aspectos, tem uma convicção radical a tal respeito: "A colonização agrária o Brasil só aproveitou do indígena o processo de coivara que, desgraçadamente, viria dominar por completo a agricultura do Brasil."

Mais recentemente, vão sendo difundidos estudos comprobatórios de outras práticas que nos levam a deduções bem diferentes. Darrell A. Posey exemplifica: "As práticas de cura dos Kayapós são altamente sofisticadas. Junto a cada casa são plantadas espécies de uso medicinal corrente, algumas delas domesticadas ou semidomesticadas." O mesmo autor alude ao remanejamento dos quintais e à formação de solo fértil, e será difícil deixar-se de associá-la à idéia da difundida técnica Voisin, para a bovinocultura: "Alguns dos mais ricos e produtivos solos da Amazônia são os denominados "terra preta dos índios". Acredita-se que tenham sido produzidos pela manipu-

lação humana, isto é, indígena."

Comentando tais métodos de recuperação do solo, Posey conclui: "Como se vê, a etnobiologia aponta novos rumos para a pesquisa na bacia amazônica, ou onde quer que sobrevivem sociedades indígenas, caboclas ou caipiras. É preciso ter em mente, porém, que as culturas indígenas se extinguem, pouco a pouco, a cada dia. Urge, por isso, não só trabalhar com afinco, a fim de registrar dados viais, mas também lutar para preservar as terras, a liberdade e o direito à existência dos povos tribais."

Na Amazônia de hoje, as Florestas Nacionais e as Reservas Extrativistas são os sucedâneos das fazendas de livre exploração agropecuária, cuja proliferação tanto comprometem o meio ambiente.

Com essas unidades conservacionistas de uso direto, tenta-se agora, como escreveu Raymundo Laranjeira, a promoção das atividades florestais como ponto principal de uma região, aproveitando seus próprios recursos.

Existem mais de 20 florestas nacionais na Amazônia criadas por decretos da Presidência da República, que também vai ampliando as áreas dos garimpeiros.

Os índios ficam protegidos, em tese, porque têm preferência no aproveitamento dos recursos decorrentes da exploração. Entre a tese e a prática vai uma grande diferença.